

“La materia artúrica en la literatura caballeresca portuguesa de los siglos XVI-XVII”, en e-Spania. Revue interdisciplinaire d'études hispaniques médiévales et modernes (Literatura artúrica y definiciones del poder), 16 (2013),ISSN 1951-6169

e-Spania

Revue interdisciplinaire d'études hispaniques médiévales et modernes

16 | décembre 2013 :

Literatura artúrica y definiciones del poder | La corruption dans les sociétés coloniales

Literatura artúrica y definiciones del poder en la edad media peninsular

A Matéria Arturiana na literatura cavaleiresca portuguesa dos séculos XVI-XVII^{*}

AURELIO VARGAS DÍAZ-TOLEDO

Résumés

Português Français

Este artigo apresenta um panorama geral sobre a pervivência da matéria arturiana na literatura de cavalaria dos séculos XVI-XVII. Para isso analisamos as diferentes formas da presença da literatura arturiana, que se podem reunir em três blocos fundamentais: simples alusões a personagens arturianas, a presença de personagens arturianas nos livros de cavalaria e aventuras dos descendentes de personagens arturianas. Deste modo pretendemos ter um conhecimento mais amplo sobre a relação existente entre os livros de cavalaria e algumas fontes arturianas.

Cet article présente un panorama général de la survivance de la matière arthurienne dans les romans de chevalerie portugais des XVI^e et XVII^e siècles. Pour ce faire, il y analyse les différentes formes de présence de la littérature arthurienne, qui peuvent être classées en trois groupes fondamentaux : simples allusions à des personnaes arthuriens, présence de personnages arthuriens dans les livres de chevalerie, et enfin, aventures des descendants de personnages arthuriens. Ce travail éclaire donc le rapport entre les livres de chevalerie et certaines sources arthuriennes.

Entrées d'index

Mots-clés : livres de chevalerie portugais, matière arthurienne, survivance, XVI et XVII^e siècles

Palavras-chave : livros de cavalaria portuguesas, matéria arturiana, pervivência, séculos XVI-XVII

Texte intégral

¹ Após a apresentação de diversos trabalhos sobre a problemática da matéria arturiana, os seus textos, testemunhos, traduções ou influências na historiografia,

nós vamos completar este amplo leque de temas falando em seguida sobre a presença da matéria arturiana na narrativa cavaleiresca portuguesa dos séculos XVI-XVII, que, apesar de ser muito importante, não tem recebido a devida atenção da crítica especializada.

- 2 Além de constituir o espelho sobre o qual se articulam alguns dos episódios dos livros de cavalaria, o universo arturiano está muito presente no desenvolvimento destas narrativas, até ao ponto de algumas das suas personagens voltarem a nascer aqui adquirindo ao mesmo tempo um papel de relevância no romance. E eis o objectivo do presente trabalho, que, devido à abundância de material e à escassez de tempo, só se limita a fazer uma primeira aproximação da pervivência da matéria arturiana nos livros de cavalaria dos séculos XVI-XVII, trabalho este que nos permitirá tirar conclusões sobre a verdadeira questão de fundo, que não é outra do que fazer uma análise posterior sobre as fontes donde beberam os autores destes romances, isto é, trata-se de conhecer primeiro o que há de arturiano nestas obras para depois tentar chegar aos textos que utilizaram os autores à hora de criar o argumento dos seus romances, comprovar, em definitivo, quais as obras arturianas que manusearam e que conheceram em primeira mão: se portuguesas ou, muito pelo contrário, castelhanas, ou até latinas e francesas.
- 3 Para atingir este objectivo, utilizámos o *corpus* completo dos livros de cavalaria segundo foi estabelecido por nós nos últimos anos¹ e que está formado pelas seguintes obras: Entre os livros de cavalaria impressos figuram a *Crónica do emperador Clarimundo donde os Reis de Portugal desçendem* (Lisboa, Germão Galharde, 1522), de João de Barros²; a *Crónica do famoso e muito esforçado cavalleiro Palmeirim d'Inglaterra* (Évora, André de Burgos, ca. 1543), de Francisco de Moraes³; o *Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda* (Coimbra, João de Barreira, 1567), de Jorge Ferreira de Vasconcelos⁴; a *Terceira e Quarta partes da Chronica de Palmeirim de Inglaterra, na qual se tratam as grandes cavallerias de seu filho o Príncipe don Duardos Segundo* (Lisboa, Marcos Borges, 1587), de Diogo Fernandes; e, por último, a *Quinta e Sexta partes de Palmeirim de Inglaterra mais Chronica do famoso príncipe Dom Clarisol de Bretanha, filho do príncipe dom Duardos de Bretanha* (Lisboa, Jorge Rodrigues, 1602), de Baltasar Gonçalves Lobato.
- 4 No que diz respeito aos livros de cavalaria manuscritos, tivemos em conta as três partes da *Crónica do invicto dom Duardos de Bretanha*, de Gonçalo Coutinho⁵; as quatro partes da *Crónica do Imperador Belindro*, atribuídas as duas primeiras com segurança a Leonor Coutinho e as duas últimas à mesma autora, Francisco de Portugal ou Francisco Manoel⁶; as quatro partes da *Argonáutica da cavalaria*, do madeirense Tristão Gomes de Castro⁷; e, por último, as anónimas *Crónica do Imperador Maximiliano*⁸ e a *História do príncipe Belidor Anfíbio e da princeza Corsina*.
- 5 Apesar de não existirem influências evidentes, também analisámos outros textos que, pelas suas características particulares, nós, e outros investigadores tão reconhecidos como a professora Teresa Amado, da Universidade de Lisboa, consideramos de cavalaria, tais como o *Livro V* ou *História de dois amigos da ilha de São Miguel das Saudades da Terra*, de Gaspar Frutuoso, bem como o *Romance de cavalaria* inserido na obra de Bernardim Ribeiro, *Menina e moça*, na edição de Évora (1557-1558).
- 6 A partir da leitura atenta destas obras, foi-nos possível estabelecer uma catalogação daqueles traços propriamente arturianos que aparecem reflectidos nelas, advertindo antes que deixámos de parte de propósito aqueles lugares, motivos e aventuras cuja estrutura e semelhança com os modelos arturianos, às vezes, é mais do que evidente. Lembre-se, por exemplo, a caça do porco selvagem que conduz Dom Duardos até uma armadilha na qual acaba por ser sequestrado, e que se conta no primeiro capítulo do *Palmeirim de Inglaterra* de Moraes.

- 7 Neste ponto temos de acrescentar também que a professora Isabel Correia começou a realizar alguns trabalhos de interpretação sobre este assunto que estão a revelar alguns pontos de contato, até então inexplorados, entre o mundo arturiano e a literatura de cavalaria em Portugal⁹.
- 8 Voltando à nossa catalogação, esta poderia dividir-se nos seguintes blocos:

3.

Simple alusões a personagens arturianas

- 9 No primeiro bloco, inserimos aquelas referências que têm a ver com qualquer personagem procedente da mitologia arturiana. Estas, por sua vez, podem ser de vários tipos. Existem, em primeiro lugar, alusões que procuram enobrecer ou dignificar um determinado espaço. Tal acontece no capítulo 36 da terceira parte da *Crónica do imperador Beliandro*, quando Felismínio narra as suas andanças pela Provença francesa, onde «ouve sempre grandes aventuras, e aqueles primeiros Cavaleiros da Táboa Redonda fizeram por aqui maravilhas»¹⁰. Este lugar será depois cenário da aventura da Selva dos Prodígios, onde é descrita uma perpétua primavera, e cujo desencantamento só poderá ser feito pela princesa Fedelinda, que também terá a oportunidade de conhecer a sua verdadeira identidade, isto é, que era filha dos reis de Portugal.
- 10 Por sua parte, no capítulo 55 da *Crónica do imperador Maximiliano*, o sábio Andrónico conduz os quatro cavaleiros protagonistas até à Ilha dos Tristes, um lugar que, além de lhes fazer esquecer todas as coisas do mundo, está dignificado por se achar um escudo encaixado na pedra com letras latinas que diziam: «Memória de Bruto, que durará mais que a pedra e o ferro»¹¹, que datava da época deste nomeado rei, o primeiro que governou Inglaterra e depois a Grã-Bretanha.
- 11 De igual modo, aparecem documentadas menções a personagens arturianas como modelos de conducta e representantes de um passado glorioso digno de imitar. Nestes casos, a sua mera presença indica a solenidade do lugar em que se inserem tais personagens, que, na maioria das vezes, estão ligadas a magos e encantadores. Assim por exemplo, no capítulo 79 da Quinta parte de *Clarisol de Bretanha*, Clarifebo contempla o retrato do rei Artur na sala das imagens da morada da sábia Medea, nos Vales Contentes, junto dos quadros dos melhores cavaleiros do mundo, como foram Amadis, Esplandião ou Lisuarte. Por sua parte, no capítulo 31 da *Crónica do imperador Maximiliano*, descreve-se o quarto onde a sábia Brusila encerra a princesa Adriana, cujas paredes estavam decoradas com diferentes imagens, entre elas a genealogia completa de Adriana começando pelo rei Bruto, «donde os ingleses decendem e donde o reino tomou o nome»¹².
- 12 Uma situação similar às anteriores acontece no capítulo 19 da segunda parte do *Palmeirim de Inglaterra*: quando Palmeirim chega à Ilha Perigosa, vai dar ao castelo da maga Urganda a Desconhecida, em uma de cujas câmaras se achava a sua magnífica biblioteca, a qual estava decorada com as imagens das mulheres mais formosas de todos os tempos. Entre elas, destacavam-se, acima de todas, Ginebra, mulher de Artur e amiga de Lançarote do Lago, Iseo a Brunda e Iseo das Brancas Mãos, sendo a mais bela de todas Iseo a Brunda.
- 13 Também na obra de Francisco de Moraes, no capítulo 40 da primeira parte, se faz referência à *Torre das Façanhas*, que, situada na corte londinense, era o lugar onde os reis de Inglaterra costumavam deixar as armas dos melhores cavaleiros do mundo, entre as quais se achavam as de Lançarote do Lago, Tristão de Leonis, Morlot o Grande e muitos outros cavaleiros da Távola Redonda.
- 14 Às vezes, utiliza-se a matéria arturiana como desculpa para falar da qualidade ou valia de um objecto com propriedades mágicas. Este é o caso do maravilhoso anel

que o príncipe Leomundo de Grécia adquire das mãos de Florinda a Cava durante o desencantamento do mago Arideo. Este anel tinha o poder de transformar numa horrível e disforme figura quem lho introduzisse no dedo. Leomundo, que não acha uma outra forma de se aproximar da sua amada, a princesa Rocilea, pelo ódio que lhe manifestara, toma a decisão de usar o anel para se converter na figura do pastor Linterno e assim poder entrar sem ser reconhecido no encantado Monte Dragontino, que era onde ela tinha sido encerrada pela maga Amaltea para evitar ser sequestrada. Num dado momento, quando Linterno estava a gozar da sua presença, Rocilea descobre-lhe por acaso o anel no seu dedo. Ao perguntar-lhe sobre a sua procedência, Linterno inventa uma engenhosa história dizendo que o adquirira nas festas celebradas na Escócia, junto da selva Calidónia, em comemoração da morte do rabadão Silénio. Nelas, após vencer nas distintas competições desportivas, Olivarda, a viúva do pastor, concedera-lhe como prémio o mesmo anel que se achara na sepultura do famoso Tristão de Leonis, cuja fabricação tinha sido elaborada pelas mágicas mãos de Merlim, que lho tinha oferecido com a finalidade de que, cada vez que ele o tivesse no dedo, se convertesse na figura que quisesse, e quando fizesse o mesmo Iseo, ela se transformasse na pessoa que mais amava, que era o seu amado Tristão. Tudo isso destinado a que o casal pudesse estar certo do amor que ambos professavam durante o resto dos seus dias. Mas Linterno também afirma que, após a morte destes amantes, um dos maravilhosos segredos do anel era que, se quem o dava amava a quem o tomava, o que o tomava transformava-se na figura de quem lho dava, e quem lho dava ficava também convertido na figura de quem o recebedor mais amava, criando-se deste modo um divertido jogo dramático entre os dois namorados.

15 Contudo, as referências arturianas mais extensas e importantes, no que diz respeito ao desenvolvimento da trama, aparecem no momento em que se trata de explicar a origem de uma nova linhagem de cavaleiros, cujos antecedentes fazem remontar ao rei Artur bem como aos míticos cavaleiros da Távola Redonda. Tudo isso para fazer ostentação tanto da nobreza da sua cavalaria quanto da sua legitimidade dinástica.

16 Deste modo, vemos como no capítulo 25 da *Crónica do imperador Maximiliano*, no momento de falar do estado e senhorio de Artur, afirma-se que este procedia de linha direta de sangue e de sucessão do nomeado rei Artur, o primeiro deste nome, «que duzentos anos antes dele reinou. Foi-lhe posto seu nome por sair tam semelhante a ele em todas as feições do rosto e do corpo, como nas grandezas e excelências com que, a juízo de todos, o passou mui altamente»¹³.

17 Mas o caso mais paradigmático nesta alínea tem que ver com o *Memorial das proezas da Segunda Távola Redonda*, do comediógrafo Jorge Ferreira de Vasconcelos. Aqui, para falar da nova dinastia de cavaleiros, representada na figura de Sagramor de Constantinopla, recorre-se às mesmas origens da Ordem da Cavalaria, desde o deus Baco, passando pelos heróis da Antiguidade Clássica, como Alcides, Teseu ou Meleagro, os conquistadores Alexandre Magno e Octávio Augusto, até chegar ao rei Artur, que foi o criador da Ordem da Távola Redonda, composta, no início, por tão só vinte e quatro cavaleiros. Deste modo, o narrador, antes de dar início à história, vê-se obrigado a contar primeiro o nascimento de Artur, a sua coroação como rei e, por último, as lutas intestinas mantidas com Morderet, seu filho, que o levaram a sucumbir junto dos seus fiéis cavaleiros, ficando vivos só alguns descendentes dos da Távola Redonda, que serão os que principiem a nova geração de heróis que protagonizam a obra de Vasconcelos.

Presença de personagens arturianas nos livros de cavalarias

18 O segundo bloco do presente catálogo tem que ver com a presença de personagens

arturianas com uma mínima relevância dentro das histórias dos livros de cavalarias. Neste sentido, é curioso ver como a única personagem que sobrevive ao ocaso do universo arturiano e que, portanto, ainda continua activa nos livros de cavalarias, de um ou de outro modo, é o sábio Merlim, que até conserva as mesmas qualidades que possuía nos romances arturianos. Talvez a explicação tenhamos de procurá-la nas suas ligações com o mundo da magia e do Mais Além, bem como na sua capacidade para vencer a passagem do tempo.

- 19 Uma das primeiras reaparições de Merlim nestas narrativas desenvolve-se na obra de Ferreira de Vasconcelos, onde continua a proteger os cavaleiros da Segunda Távola Redonda, a quem ajuda em algumas ocasiões, neutralizando as más artes que utilizam contra eles outros encantadores, tais como os malvados Telorique e Ifranasa. Não obstante, Merlim já não tem um papel protagonista nesta obra, de quem se chega a dizer que fora morto, e vai deixando que outros sábios sejam os encarregados de defender os interesses dos heróis, entre eles, a maga Merlândia, cujo nome facilmente se associa ao seu antecessor.

- 20 De igual modo, o mago Merlim, ou melhor, o seu espírito, também se manifesta nos capítulos 12-13 da Quarta parte da *Crónica do imperador Beliadro*, na maravilhosa aventura da *Selva dos Prodígios* que se situa na Provença. Nela, a princesa Fedelinda, após uma série de peripécias, cada qual mais maravilhosa do que a precedente, vai dar até ao mesmíssimo Sepulcro do sábio Merlim, em cujo interior se achava o seu esqueleto. No momento em que ela entra neste magnífico lugar, aquele retorna logo à vida, como se tivesse estado à sua espera durante centenas de anos, e pronuncia o seguinte discurso cheio de solenidade:

Hé tempo, soberana infanta de Portugal, de vos conheceres, e de se patentear a traição que vos fizerão apenas nacida. Sabei que poucos anos depois que a Monarquia Lusitana mereceu que o céu lhe concedesse o príncipe D. Belindo, para assombro do mundo e glória da nação tornou a fecundar aquele trono o vosso nascimento; no mesmo dia nasceo ao Sultão do Egipto huma filha morta. Assistia naquele palácio huma mágica tão pronta nas ideias, que soube cegar de modo as que assistião à rainha, vossa mai, que vos levou, deixando em vosso lugar a que tinha nascido morta no Egipto. Isto não comunicou a ninguém, por isso vós o ignoraes até agora.

- 21 Mas não consentindo o soberano Autor que huma aleivozia privasse aquele Povo, valido seu, de hum teozouro que a sua onnipotência lhe dera em vós, permitio que o vosso valor vos trouxesse a este lugar, de donde sahistes sciente do que me tendes ouvido, em que não podeis ter dúvida, pois vo-lo afirma o *Espírito de Merlim*. E agora tornai ao Jardim de Falarina, que lá achareis o príncipe vosso irmão. E para que o não possam duvidar, lhe mostrareis este anel que a maga furtou convosco do mesmo quarto da rainha, vossa mai, que hé o mesmo que lhe deu el-Rei nos seus espozórios¹⁴.

- 22 Graças a esta revelação, Fedelinda pode regressar ao Jardim de Falarina e conhecer através da maga que, na realidade, ela era a irmã de Belindo e, portanto, filha herdeira do reino de Portugal.

- 23 A última presença conhecida de Merlim na narrativa cavaleiresca portuguesa acontece na estranha obra intitulada *História do príncipe Belidor Anfíbio e da princeza Corsina*, no capítulo 2 da Quarta parte. Nesta ocasião, a dizer verdade, Merlim tem pouco relevo e só aparece de uma maneira indireta, aludindo-se a um encantamento feito tempo atrás por ele e por mais dois amigos seus no Vale dos Encantos por encargo de uma mulher. Nele se achava uma estrutura arquitectónica conhecida como o Alcácer Impenetrável, em cujo interior estava encerrada a Rainha do Véu para que ninguém pudesse desencantá-la, algo que afinal só conseguirá o valeroso Belidor, mas não sem grande esforço.

Aventuras dos descendentes de personagens arturianas

- 24 O terceiro e último bloco em que dividimos este catálogo sobre a presença da matéria arturiana nos livros de cavalaria portugueses, abrange as aventuras dos descendentes de personagens procedentes do mundo dos cavaleiros da Távola Redonda. Em primeiro lugar, documentámos na anónima *Crónica do imperador Maximiliano* a figura de Artur, cujo protagonista, como dissemos mais acima, vinha de linha directa de sangue do famoso rei Artur, com o que se está a procurar fazer uma ligação entre ambos os reinados com vistas a perpetuar a linhagem do monarca da Grã-Bretanha. Contudo, Maximiliano já não tem nem a mesma simbologia nem a mesma magnificência do seu antepassado. De facto, como consequência do seu grande poder, ensoberbeceu-se de tal maneira que se propôs conquistar aqueles reinos que não lhe pertenciam, como, por exemplo, o do rei Venceslau de Hungria, com quem manteve uma prolongada guerra que não cessou nem sequer após o nascimento da sua querida filha Adriana. Por esta, e outras ações do novo Artur, o autor fracassa na tentativa de criar um paralelismo entre o passado glorioso da corte do primeiro rei Artur e o da corte do seu descendente.
- 25 Por outro lado, às vezes, os herdeiros da cavalaria arturiana não têm uma posição de destaque como tinham os seus próprios antepassados, os quais, na maioria das ocasiões, possuíam um papel protagonista dentro dos múltiplos fios narrativos em que se entrecruzavam, constantemente, as histórias de cada um deles. No caso que agora nos ocupa cumprem uma função totalmente secundária dentro do romance, servindo só para engrandecer a fama dos cavaleiros que se enfrentam com eles, posto que sempre dão como resultado a vitória destes últimos sobre aqueles. Assim, por exemplo, na *Crónica do Palmeirim de Inglaterra* Francisco de Moraes recorre a uma figura secundária como Rosiram de la Brunda para pôr de manifesto a excelência e superioridade do Cavaleiro da Fortuna, que o salva de morrer decapitado só porque afinal Rosiram decide revelar-lhe a sua verdadeira identidade. A partir deste momento, o autor versa sobre a descrição da genealogia do cavaleiro, apoiando-se em «crónicas antigas ingresas» e tratando de estabelecer diferentes linhas de parentesco para poder explicar a origem da sua alcunha. As palavras do próprio Moraes no capítulo XXIV dizem assim:

Escreve-se nas cronicas ingresas antigas, que el rei Mares de Cornualha houve na rainha Iseo la Brunda antes de sua morte nem da de Tristam de Leonis, uma filha a quem tambem chamarom Iseo, outros querem dizer que foi filha de Tristam. Esta casou com Urgel Blasonante duque de Galez, e d'ambos naceo Blasonam de la Brunda, que depois se chamou duque de Galez e Cornualha e foi casado com Morolta filha d'el rei Charliam d'Irlanda, e deles naceo Morolt de la Brunda, a quem poserom este nome, assi por causa de sua mai Morolta, como Morolt, o Grande, *de que inda em aquele tempo Irlanda se honrava*, assi de geraçam em geraçam vierom estes duques tomando sempre aquele apelido, té chegar ao Duque de Galez pai de Pridos e ele mesmo pos a seu neto aquele nome, porque um tam antigo e honrado origem nam se corrompesse. Assi que esta é a razão porque Dom Rosiram se chamava de la Brunda¹⁵.

- 26 Como se pode observar, através deste desejo de descrever a árvore genealógica de Rosiram de la Brunda, um cavaleiro, não o esqueçamos, que não tem relevância nenhuma na obra, se esconde uma vontade de ressaltar a grandeza do cavaleiro capaz de derrotar uma pessoa de tão grandes qualidades.
- 27 Por outro lado, esta nova geração de cavaleiros descendente da antiga cavalaria arturiana já não ocupa um papel de relevo no devir do romance, ficando num segundo plano com respeito aos autênticos protagonistas das novas histórias de cavalaria. O interesse da narração já não se focaliza neles mais do que de maneira transversal. Os seus feitos em armas interessam só quando servem de complemento aos protagonistas, de quem são fiéis auxiliares e a quem ajudam a restabelecer a paz e a ordem sempre que precisam deles. O exemplo mais representativo aqui acha-se no capítulo 18 da Terceira parte da *Argonáutica da cavalaria*, no momento em que se descreve a guerra que enfrenta o império grego com a monarquia espanhola. Em favor desta última, graças às distintas alianças dinásticas, participam Felimandro, príncipe dos reinos da Inglaterra, e Filismundo, infante de Escócia:

junto aos asinalados cavaleiros da (Tá)bola
Redonda, dos quais ele mais se estimava ser
cabeça que dos reinos de que era senhor, *porque
ainda que não erão os que no tempo de Artús
militarão*, vinhão deles, e os que a esta ora a
posohião erão grandes príncipes tímidos nas
armas e mui belicозos, acompanhados de huma
estranha fortaleza em feitos grandes. Era hum
deles Colmónio, duque de Lencastro, Lurcante,
conde de Bravésia, Lionete, duque de Glocestara,
Reimundo, duque de Clarência, Amate, duque de
Cloraço, Grimante, duque de Nortósia, Orfredo,
duque de Cança, Edoarte, conde de Phória,
Elisendo, duque de Sufo, Enelcónio, conde de
Cenia, Mildetono, conde de Northelanda,
Morseo, conde de Arindela, Adentono, marquês
de Borlei, Aqueloto, conde de Marcha, Gilfordo,
conde de Raimon, Daxoviando, conde de Órsia,
Emundo, duque de Antona, Trafordo, conde de
Vónia, António Eduardo, marquês de Vagarina,
Cristóvão Janex, conde de Erbia, Hernero Berlex,
marquês, Arbónia Ermante, duque de Betânia,
Monfredo, duque de Sormosedea, e mais duques
de Boquingânia, conde de Satisberria, marquês
de Burgenea, conde de Cristéria, afora senhores
escorcezes, que erão os duques de Róbia, de
Maria, de Tresfonde, de Albânia, e condes de
Otoley, de Forbore, de Erlia e marquês de
Ango¹⁶.

- 28 É interessante ver como, após a extensa descrição dos nomes destas personagens, das quais não se especifica o grau de parentesco, se eram descendentes directos ou indirectos, nada mais se volta a mencionar a seu respeito, nem na Terceira

nem na Quarta partes da obra de Tristão Gomes de Castro, o que põe de manifesto a sua escassa influência nas grandes aventuras da nova geração de cavaleiros, bem como a sua irrelevância na estrutura narrativa do texto.

29 O caso do texto de Jorge Ferreira de Vasconcelos, o livro de maiores ressonâncias arturianas, como já acontecera no bloco que aqui expusemos em primeiro lugar, é excepcional tanto pelo aspecto compositivo quanto pela sua temática, que chama a atenção já desde o início com o título do livro: *Memorial das proezas da Segunda Távola Redonda*. O leitor vai ter a oportunidade de conhecer aqui os feitos de uma nova geração de cavaleiros andantes, cuja grandeza vai ser equiparada àquela dos da Távola Redonda que moraram no tempo do rei Artur. E o encarregado de regir os seus desígnios vai ser Sagramor de Constantinopla. O nome desta personagem pode achar-se em qualquer dos principais ciclos arturianos, sendo, no entanto, no *Lançarote do Lago* e no *Tristan en Prose* onde desenvolvem as características que o convertem numa das mais interessantes personagens.

30 No *Memorial*, após contar a história de Artur, desde o seu nascimento até à guerra que manteve com Morderet, seu filho, como consequência da qual morreram quase todos os Cavaleiros da Távola Redonda, aquele, talvez preludiando a sua própria morte, fez com que todos os seus cavaleiros jurassem fidelidade e aceitassem como o seu sucessor a Sagramor Constantino, filho d'el-rei Cadour de Cornualha e marido da infanta Seleucia, filha, por sua vez, de Artur e de Liscanor, a sua primeira mulher, o que o convertia, portanto, em genro de Artur. Em efeito, uma vez conduzido o rei Artur à ilha de Avalon, alguns dos filhos dos Cavaleiros da Távola Redonda fizeram rei a Sagramor de Constantinopla. Entre eles, figuravam Doristão de Autarixa, filho de Galvão, e seu herdeiro do Ducado da Alta Borgonha; Fidonflor de Mares, duque de Lencastre, filho de Heitor de Mares; dois filhos gémeos de dom Galeazo e da duquesa de Narbona, Bronsidel de Enantes e Brisam de Iorges; Florismarte do Lago e Andronia do Lago, filhos secretos da rainha Ginebra e de Lançarote do Lago; Lucidardos,

Cavaleiro das Armas Cristalinas, filhos de Tristão de Leonis e de Iseo; e, por último, Munsolinos de Sulfórcia, filho de Palomades, chamado o *Cavaleiro das duas espadas* «porque pelejava com elas, segundo se conta na história da *Demanda do Santo Graal*»¹⁷.

31 A partir de então, o objectivo fundamental de Sagramor será voltar a instaurar a ordem perdida, fazendo com que todas as terras perdidas voltassem ao seu poder em menos de um ano e os rebeldes fossem castigados sem remédio. Não obstante, os filhos do malvado Morderet, isto é, Godifert e Dagobert, herdando o carácter rebelde que tinha caracterizado o seu pai, convertem-se nos principais inimigos da corte de Sagramor, a quem também ajudam os sábios Telorique e Ifranasa. Mas com a ajuda dos cavaleiros da Segunda Távola Redonda, cujas aventuras não cessam de se entrecruzar, como diz Foroneus, o falso cronista da história, «por não enfastiar o gosto dos que a lerem com a continuação de um só conto»¹⁸, Sagramor logrará deter as forças do mal, ao menos, de maneira momentânea.

32 Na última parte da obra, em concreto, nos últimos três capítulos, interrompe-se a narração para passar a contar uma «maravilhosa aventura» consistente nas festas que se celebraram na corte em comemoração da investidura de armas do príncipe D. João, filho de João III de Portugal. Além disso, aproveita-se este momento para cantar as grandezas e feitos dos cavaleiros portugueses, que, «em tempo del-Rei dom João, de boa memória, sabemos que seus vassalos, no cerco de Guimarães, se nomeavam por cavaleiros da Távola Redonda e ele por rei Artur»¹⁹.

33 Embora não se saiba com segurança qual foi a intenção última do seu autor à hora de redigir esta obra, ao menos parece claro que um dos seus objectivos tinha um evidente fundo político. De acordo com os dados de que dispomos, procurava-se elogiar o príncipe D. João, em quem estavam postas muitas esperanças, porque o autor via nele a representação da chegada de uma nova era de prosperidade em todos os âmbitos do reino português, e quem melhor para representar essa mudança senão uma nova fornada de cavaleiros dirigidos todos pelo

herdeiro da coroa portuguesa? A prematura morte deste último fez com que talvez Ferreira de Vasconcelos tivesse de refazer o seu texto. Em favor desta teoria está a referência a uma versão anterior intitulada de *Livro primeiro da primeira parte dos Triunfos de Sagrator, rey de Inglaterra e França, em que se tratam os maravilhosos efeitos dos cavaleiros da Segunda Távola Redonda*²⁰, publicada na imprensa conimbricense de João Álvares em 1554, hoje, por desgracia, desaparecida.

Conclusões

- 34 Já para concluir, gostaríamos de acrescentar que o propósito deste nosso trabalho foi apresentar um panorama geral sobre a pervivência da matéria arturiana na literatura de cavalaria dos séculos XVI-XVII, muito especialmente daquelas suas personagens mais representativas, que têm uma mínima presença no desenvolvimento dos romances, tais como Merlim, Artur ou Lançarote, quer seja através de simples alusões, quer seja por um protagonismo activo no relato, sem esquecer as referências às aventuras dos seus descendentes.
- 35 Neste estudo deixámos de parte de forma consciente aqueles lugares e motivos literários que, apesar de terem uma semelhança notável com alguns modelos arturianos, precisariam de um maior aprofundamento para esclarecer o seu grau de parentesco textual. Também nos propusemos alicerçar as bases para um trabalho posterior que abordará as importantes questões sobre quais as fontes das quais beberam os autores de livros de cavalaria à hora de elaborar as suas histórias, e reconstruir, deste modo, os passos que seguiram os textos arturianos no âmbito da literatura portuguesa dos séculos XVI-XVII.
- 36 Confiamos, portanto, em que esta investigação traga novidades sobre o modo de difusão das obras arturianas para atingirmos um conhecimento mais amplo sobre a relação específica dos livros de cavalaria com algumas fontes arturianas.

Notes

* Este trabalho foi realizado graças a uma bolsa da *Associação Internacional de Lusitanistas (AIL)*/ Universidade de Coimbra (2011), que nos permitiu estudar a *Pervivência da matéria arturiana na tradição cavaleiresca dos séculos XVI-XVII*. Este artigo está inserido no Concurso Investigador FCT 2012 (Ref. IF/01502/2012): *Base de dados interactiva sobre a Matéria Cavaleiresca Portuguesa dos séculos XVI-XVIII*, desenvolvido no Instituto de Filosofia da Universidade do Porto (UI&D 502). Gostaríamos de deixar também pública constância de agradecimento a Isabel Correia pela revisão e correção do artigo.

1 Entre eles: Aurelio Vargas DÍAZ-TOLEDO, «Os livros de cavalaria renascentistas nas Histórias da Literatura Portuguesa», *Península. Revista de Estudos Ibéricos*. Vícios, virtudes e algumas paixões, nº 3, 2006, p. 233-247; e, sobretudo, *id.*, *Os livros de cavalaria portugueses dos séculos XVI-XVIII*, Lisboa: Pearlbooks, 2012.

2 Existe edição moderna: João de BARROS, *Crónica do Imperador Clarimundo, donde os reis de Portugal descendem*, F. Marques Braga (ed.), Lisboa: Sá da Costa, 1953.

3 Edição de Margarida Maria de Jesus Santos ALPALHÃO, *O amor nos livros de cavalaria - O Palmeirim de Inglaterra de Francisco de Moraes: Edição e Estudo*, Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2008.

4 Uma edição deste livro pode ver-se em Jorge Ferreira de VASCONCELOS, *Memorial das proezas da segunda Távola Redonda*, João PALMA-FERREIRA (ed.), Lisboa: Lello Editores (Obras Clássicas da Literatura Portuguesa, 2), 1998.

5 A primeira parte foi objecto de estudo de Raúl Cesar Gouveia FERNANDES, *Crónica de D. Duardos (Primeira Parte)*. Cód. BNL 12904. *Edição e estudo*, São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006. A professora Nanci ROMERO fez a sua tese de doutoramento sobre a *Crónica de D. Duardos (Segunda e Terceira Partes)*. Cód. ANTT 1201 e ANTT 1202, 3 vol., São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012.

6 Não se sabe com certeza qual o seu autor. O investigador Pedro Álvarez Cifuentes, da Universidade de Oviedo (Espanha), está a realizar a sua tese de doutoramento sobre este texto e, de certeza, poderá esclarecer algumas destas incógnitas.

7 As duas primeiras partes apareceram em: Aurelio Vargas DÍAZ-TOLEDO (ed.), *Argonáutica da cavalaria, de Tristão Gomes de Castro*, Funchal: Direcção Regional dos Assuntos Culturais, 2013. No que diz respeito às terceira e quarta partes, a notícia da descoberta pode ver-se em *Id.*, «Descubrimiento de un nuevo libro de caballerías portugués: la tercera y cuarta partes de la Argonáutica da cavalaria, de Tristão Gomes de Castro», *Revista de Literatura Medieval*. No prelo.

8 J. PALMA-FERREIRA (ed.), *Crónica do Imperador Maximiliano*, Cód. 490, Col. Pombalina da Biblioteca Nacional, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1983.

9 A professora Isabel CORREIA está a estudar nos últimos anos esta relação entre o mundo arturiano medieval e a literatura cavaleiresca posterior («La corte, la clausura y la buena caballería: del *Lancelot en prose* al *Palmeirim de Inglaterra*», trabalho no prelo que foi apresentado no SEMYR em 2012, e cuja leitura agradecemos à autora), algo que para o âmbito castelhano foi analisado, entre outros, por Carlos ALVAR, *De los caballeros del Temple al Santo Grial*, Madrid: SIAL Ediciones, 2010, ou Luzdivina CUESTA TORRE, *Aventuras amorosas y caballerescas en las novelas de Tristán*, León: Universidad, 1994.

10 Terceira parte da *Crónica do imperador Beliadro*, cap. 36, p. 313. Citamos a partir do exemplar da Biblioteca Nacional de Portugal, cód. 345.

11 J. PALMA-FERREIRA (ed.), *Crónica do Imperador Maximiliano*, p. 622.

12 *Ibid.*, p. 364.

13 *Ibid.*, p. 303.

14 Quarta parte da *Crónica do imperador Beliadro*, cap. 12-13, p. 205-206. Citamos a partir do exemplar da Biblioteca Nacional de Portugal, cód. 346.

15 M. ALPALHÃO, *O amor nos livros de cavalaria*, p. 226-227.

16 Citamos a partir do exemplar do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa, Manuscritos da Livraria, 1143, fol. 37vb-38ra.

17 Jorge Ferreira de VASCONCELOS, *Memorial das proezas da segunda Távola Redonda*, J. PALMA FERREIRA, Lisboa: Lello Editores (Obras Clássicas da Literatura Portuguesa, 2), 1998, cap. IV, p. 25. Este é o único caso onde parece manifestar-se de forma clara a fonte sobre a qual pôde trabalhar Ferreira de VASCONCELOS.

18 *Ibid.*, cap. XXVI, p. 191.

19 *Ibid.*, cap. XLVI, p. 367.

20 Há vestígios da existência desta obra, por exemplo, numa relação de livros que emprestou o corrector geral Juan Vázquez del Mármol, em Granada, no ano de 1605: Fernando BOUZA ÁLVAREZ, «No puedo leer nada». El corrector general Juan Vázquez del Mármol y la cultura escrita del “Siglo de Oro”, *Syntagma. Revista de Historia del Libro y de la Lectura*, o, 2002, p. 19-45, p. 37.

Pour citer cet article

Référence électronique

Aurelio Vargas Díaz-Toledo, « A Matéria Arturiana na literatura cavaleiresca portuguesa dos séculos XVI-XVII », *e-Spania* [En ligne], 16 | décembre 2013, mis en ligne le 17 décembre 2013, consulté le 25 août 2014. URL : <http://e-spania.revues.org/22796> ; DOI : 10.4000/e-spania.22796

Auteur

Aurelio Vargas Díaz-Toledo
University College Dublin

Droits d’auteur

© e-Spania